

possibilidades de enamoramentos rápidos e/ou mais consistentes, a depender da vontade mútua, em aplicativos de paquera na internet. Com a profusão dos campos abertos pelas mídias sociais, em especial aquelas que se apresentam disponíveis na internet, novas sociabilidades online emergem como um espaço de interação e desenvolvimento de práticas culturais cabíveis às investigações de pesquisadores/as contemporâneos em suas mais diversas áreas.

Na esteira dessas reflexões, o ciberespaço torna-se um ambiente onde pessoas encontram-se, rompendo os limites geográficos e temporais impostos, abrindo-se para outras formas possíveis de relacionamento. São novas experiências que transmutam o corpo, não mais entendido apenas na manifestação de sua materialidade física, mas também na extensão de suas virtualidades, ou melhor, na ampliação das suas capacidades e alcance, liberando caminhos de afetos que ultrapassam as territorialidades convencionais. Diante disto, me pergunto, junto com Tomaz Tadeu, “onde termina o humano e onde começa a máquina? [...] onde termina a máquina e começa o humano?” (TADEU, 2009, p. 10).

Como uma das materializações deste hibridismo *humano-máquina*, os aplicativos de paquera têm emergido como outros espaços de sociabilidades, especialmente entre os gays, aqueles que, mesmo diante dos avanços sociais e culturais percebidos, ainda se sentem ameaçados na expressão pública dos seus afetos e desejos. Por trás das telas dos computadores e/ou dos *smartphones*, muitos homens, assumindo nas mais variadas formas as suas identidades sexuais, têm ali a oportunidade de desfrutarem experiências homoafetivas, sejam elas de quais níveis forem, apontando a variação do dispositivo da sexualidade, conforme já atestava Foucault (1998), na sua produção histórica e cultural, atravessada pelo seu tempo.

Aplicativos de paquera, como o *Tinder*¹, o mais utilizado pelos/as brasileiros/as, carregam-se de processos de significação no estreitamento dos relacionamentos, produzindo mudanças nas formas das pessoas apresentarem-se disponíveis em suas redes. São formas materializadas em uma pedagogização midiática, em que subjetividades são constituídas

¹ Presente em 190 países e com 57 milhões de usuários/as cadastrados/as em todo o mundo, o *Tinder* chegou ao Brasil em 2013, alcançando 10% dos/as internautas brasileiros/as. (Disponível em: <https://www.businessofapps.com/data/tinder-statistics/>. Acesso em: 22 maio 2020). Com os perfis cadastrados no aplicativo, cada pessoa pode escolher sua identidade de gênero, incluir fotos, descrição e o alvo da procura (homens e/ou mulheres), deslizando entre os outros perfis e escolhendo o que mais interessa (ao deslizarem o perfil encontrado para a esquerda, os/as usuários/as sinalizam o desinteresse; o contrário ocorre com o deslizamento para a direita). Caso haja reciprocidade na paquera, acontece um “*match!*” (correspondência, em inglês) liberando uma janela para que ambos/as iniciem uma conversa.

atravessadas pelas tecnologias de comunicação e de informação, operadas/operadoras por/de determinados tipos de discursos.

Fruto de uma dissertação de mestrado², este artigo busca refletir sobre as potencialidades da etnografia virtual nas pesquisas sobre gênero e sexualidade em interface com os Estudos Culturais da Educação. Algumas perguntas desataram a concepção dessa pesquisa: “como esses homens se apresentam no *Tinder*? Como se dão os processos pedagógicos nesses perfis-curriculos? O que eles ensinam?” (SILVA JUNIOR, 2020, p. 91). Sigo esta reflexão por entender que “educar engloba um complexo de forças e de processos que inclui, na contemporaneidade, além das instâncias usualmente implicadas nisso, os meios de comunicação de massa, os brinquedos, a literatura, o cinema, a música” (MEYER, 2004, p. 15).

Lanço meu olhar para metodologias de pesquisa desprendidas de qualquer pretensão de verdade, distantes de um pensamento representacional marcado pela ciência moderna e positivista. Uma etnografia, portanto, que se embrenha em caminhos que exalam desejos por toda parte, incapazes de serem capturados, ainda que provisoriamente, por uma escrita e um olhar calcado na racionalidade objetivista. Se “são os olhares que colocamos sobre as coisas que criam os problemas do mundo” (VEIGA-NETO, 1996, p. 27), desejo traçar um caminho neste texto que se volte para perspectivas narrativas de uma etnografia dita pós-moderna, potente para debates nos solos nada rígidos das subjetividades e das experiências mobilizadoras das vivências afetivas-sexuais entre homens.

A composição do texto se dará em três partes: na primeira, trarei alguns apontamentos históricos sobre a etnografia e sua perspectiva pós-moderna; em seguida, busco descrever as especificidades da etnografia virtual e o posicionamento ético do/a pesquisador/a; por fim, trago um breve esboço da minha inserção no campo e das estratégias que lancei mão para a produção dos dados no aplicativo *Tinder*. Por se tratar de um artigo com enfoque metodológico, debruço-me sobre a composição teórica que serviu de substrato para a composição da metodologia da pesquisa, podendo os resultados da mesma serem conferidos com maior detalhamento na citada pesquisa de origem.

² Ver Silva Junior, 2020.

Um percurso de Malinowski aos/às pós-modernos/as: etnografia e Estudos de Gênero

Para chegar aos debates pós-modernos em torno da etnografia, é necessário percorrer um breve caminho pelas bases da Antropologia – pois não é o meu intento esgotar esse assunto, nem trazer os elementos genealógicos do campo –, visto que a caracterização deste método se torna importante para as pontes com o campo da educação aqui proposto. Se formos à etimologia da palavra *etnografia* (escrita de uma etnia outra) teremos pistas a respeito dos seus objetivos, sendo, portanto, a escrita “[...] de outras tradições, outras crenças e outras culturas distanciadas no espaço e no *modus vivendi* do modelo ocidental de viver em sociedade” (TADDEI, 2012, p. 104, grifo da autora). Necessário pontuar aí o caráter eurocêntrico que sustenta os pilares do campo antropológico, sendo alvo de teorizações decoloniais que buscam dar conta de uma revisão epistemológica, substrato não apenas para críticas à posição do sujeito-colonizador, que enxerga a cultura do outro como subalterna e/ou exótica, mas também que centra uma reflexão da igualdade e da diferença entre culturas como resultado de determinados jogos de poder.

Considerado um dos fundadores da Antropologia Cultural, Bronislaw Malinowski (1884-1942) é reconhecido como um dos pesquisadores que lançou de forma precursora a “observação participante”, fruto de sua pesquisa aprofundada de quatro anos sobre a vivência cotidiana dos povos originários das ilhas Mailu e Trobriand, tendo como resultado a obra *Argonauts of the Western Pacific* (1922). Mattos (2011) destaca alguns elementos da etnografia como a observação participante, as histórias de vida, os questionários, as entrevistas, as imagens, entre outros, que passaram a ser incorporados nas décadas seguintes em pesquisas educacionais. Neste caminho, importante ressaltar a potencialidade da etnografia não para dar conta de totalidades ou achados de “verdades” a respeito dos grupos pesquisados, mas para a abertura às interpretações e à polifonia que atravessam estes contextos, sendo produtos dos olhares dos/as pesquisadores/as em sua capacidade de leitura cultural e de narrativa dos acontecimentos observados.

Antropólogos pós-modernos, como Clifford Geertz (2008), trazem uma contribuição significativa quando intentamos pensar metodologicamente as pesquisas de gênero que dialogam com o campo dos Estudos Culturais da Educação, pois evidenciam no processo etnográfico elementos importantes nas discussões antifundamentalistas do pensamento pós-moderno, como a provisoriedade dos significados, a crítica às metanarrativas, a fragmentação das identidades e a importância da linguagem na produção de modos de ser e estar no mundo.

Compreendo gênero, bem como sexualidade, como práticas sociais corporificadas (CONNELL, 1995), como produto de rituais linguísticos em pedagogias diversas (LOURO, 1997) e como modos de sermos homens e/ou de sermos mulheres produzidos discursivamente, com grande teor de pretensão metafísica (BUTLER, 2018). A etnografia pós-moderna torna-se um instrumento importante para olharmos estes sujeitos em trânsito em toda a sua gramática e historicidade. Caracterizando um pouco esta perspectiva etnográfica, algumas marcas são trazidas por Taddei (2012, p. 114):

Verdades parciais, ficções verdadeiras, invenções, narrativas, evocações ou alegorias, os etnógrafos já não sustentam mais o teor unívoco de seus relatos. A própria categoria da representação é contestada e com ela todo um acervo de impressões visuais tradicionalmente vinculadas à antropologia como campo de saber: olhar, observar, descrever. À ambição de uma objetividade máxima, contrapõem-se as subjetividades do pesquisador e de seus pesquisados.

Ao pensarmos a produção de masculinidades nas sociabilidades gays da internet e todos os processos de significação que giram em torno dos dizeres/fazerem destes homens, uma etnografia que busque vê-los apenas como figurantes em um diálogo distante e monológico (TADDEI, 2012) não produziria narrativas que trouxessem para o debate as disputas discursivas presentes nestes artefatos culturais. Com os usuários do *Tinder*, o objetivo foi de transmutar a experiência etnográfica em uma interpretação cultural cuja abertura ao polifônico e à minha vivência como pesquisador *com* gênero e *com* sexualidade emergisse de forma intensa. Se foi o meu corpo que atraiu os homens para a pesquisa, já que eu construí um perfil no aplicativo objetivando as conversas e a produção dos dados, movimentos de desejo atravessaram toda a escrita, impossibilitando qualquer pretensão de distanciamento entre o pesquisador e o ‘objeto de pesquisa’. Compreendo junto com Pocahy (2011, p. 151), que “outra pessoa produziria outros problemas e outras análises. E outra perspectiva epistemológica produziria outro estudo. O que significa reafirmar o caráter fabricado/ficcional e político de uma pesquisa”. Narrar experiências de homens no *Tinder* torna-se, portanto, uma feitura ficcional de um pesquisador cuja escrita dá-se de forma subjetiva, nada neutra como bem aprecia perspectivas tradicionais de pesquisa acadêmica. São turbilhões de sentidos que emergem dos encontros entre singularidades que se produzem culturalmente.

Desprendendo-se, pois, da objetividade-racional-positivista, a etnografia pós-moderna produz registros em diários de campo que trazem à tona a personalidade – que é política – nos jogos narrativos que aproximam pesquisador/a-pesquisado/a. Se o “modo como escrevemos

tem tudo a ver com nossas escolhas teóricas e políticas” (LOURO, 2007, p. 237) e sendo a linguagem aquela que institui “um jeito de conhecer” (Ibidem), alinho-me ao pensamento pós-estruturalista para construir sentidos por meio da escrita etnográfica, liberando a materialização dos encontros através da linguagem. Por meio, portanto, desta perspectiva, a etnografia pós-moderna, como “detonadora de múltiplos sentidos [...] convoca as vibrações, comentários e ruídos do trabalho de campo” (TADDEI, 2012, p. 115). Trata-se de uma “etnografia imprópria”, como bem coloca Camilo Braz (2010) em sua pesquisa nos clubes de sexo masculino, corroendo a objetividade científica e que acontece “[...] em meio a ‘cantadas’ e flertes, tanto nas conversas por *internet* quanto nos clubes” (BRAZ, 2010, p. 39, grifo do autor).

Na pesquisa que desenvolvi, recebi propostas sexuais e até pedidos de namoro, diluindo qualquer pretensão de uma narrativa imparcial e distante. Estar nesses espaços de sociabilidades gays é imergir em um mar de desejos. É compreender que um corpo nunca se apresenta de forma transparente e que é lido de múltiplas formas. Os olhares que lancei e que foram lançados sobre mim revelam as práticas culturais das homoafetividades, visto que somos inscritos/as em um tempo e produzidos/as reiteradamente por determinados discursos. Uma etnografia pós-moderna aponta para estes jogos subjetivos ricos em experiências, liberando a possibilidade de uma “saída do armário” enquanto pesquisador/a, nas palavras de Zago (2015), reposicionando o corpo generificado e sexualizado de cada pesquisador/a que toca as temáticas de gênero e de sexualidade. Para o autor, a “saída do armário”:

[...] não diz respeito apenas a assumir uma determinada sexualidade; diz respeito a se assumir como um sujeito que ocupa um determinado lugar como autor, um determinado lugar n’A ordem do discurso; diz respeito a entender seu lugar como pesquisad*r em relação ao multi-verso de pesquisa [...] Isto é: “sair do armário” é entender o engajamento d* pesquisad*r em relação ao arcabouço teórico, à instituição financiadora, *s professor*s orientador*s, ao recorte do objeto, à seleção d*s participantes, à formulação das perguntas norteadoras (das entrevistas em profundidade ou semi-estruturadas, dos grupos focais), aos modos de publicação do conhecimento produzido (ZAGO, 2015, p. 166).

A posição teórica e metodológica se dá como eco das conquistas dos movimentos sociais que bradaram nos anos de 1960 que o “pessoal é político”, colocando em rasura as epistemologias herdadas do positivismo (GAMSON, 2006). Na escrita etnográfica proposta nesta pesquisa, dei-me abertura a produzir narrativas na superfície dos discursos e opulência do têsão dos homens que se encontravam no *Tinder*. Isto, claro, sem perder o rigor metodológico e a coerência teórica para que as argumentações façam sentido diante do contexto apresentado

e da análise cultural proposta, já que “a própria escolha do objeto de estudo pressupõe estudos anteriores que levem o pesquisador a entender o campo a partir de um olhar que foi construído ao longo de sua experiência de vida” (MATTOS, 2011, p. 37).

Ressalto a particularidade deste tipo de pesquisa centrada na produção de subjetividades de gênero e de sexualidade e o formato nada tradicional de produção de dados, causando, muitas vezes, estranhamento e desconforto nos espaços acadêmicos. Em diálogo com a etnografia pós-moderna e com o pós-estruturalismo, compreendo os aplicativos de paquera como territórios produzidos pela linguagem, onde (des)aprendizagens ocorrem e um currículo estendido se materializa organizando disposições, olhares e modos de estar no mundo. Intencionei estabelecer com os meus *matches*³ um relacionamento de confiança que fizesse fluir as narrativas e delineasse os padrões culturais ali existentes, não apenas os mais explícitos e que se percebiam nas fotos e ditos dos perfis dos usuários. Neste viés, “buscamos, então, estratégias de descrição e análise que nos possibilitem trabalhar com o próprio discurso para mostrar os enunciados e as relações que o discurso coloca em funcionamento” (PARAÍSO, 2012, p. 28), sendo a observação participante, a imersão e os registros em diário de campo instrumentos importantes para a feitura desta pesquisa.

“Real”, “virtual”⁴... borramento das fronteiras em uma etnografia

De forma a caracterizar melhor a metodologia escolhida para a imersão nos ambientes digitais, torna-se importante compreender a minha preferência pela escolha da terminologia “etnografia virtual”, ainda que muitos/as façam uso do termo “netnografia”⁵ ou até mesmo apenas “etnografia”. Em consonância com o campo teórico a qual eu me inscrevo, entendo que a linguagem produz determinados sentidos que delineiam a própria forma de conceber uma pesquisa. Escrevemos fincados em posições políticas, podendo ser conscientes ou inconscientes, atravessadas por marcadores sociais e culturais (bem como de gênero, raça, etnia, classe, etc.).

³ Ao invés de “informantes” ou “colaboradores”, adoto a terminologia própria do aplicativo para me referir aos homens que corresponderam ao meu perfil e permitiram o uso de suas falas no decorrer da pesquisa.

⁴ Uso o recurso das aspas simples para termos que desejo problematizar durante a pesquisa.

⁵ Termo surgido no final da década de 1990 para demarcar as pesquisas etnográficas nos estudos do consumo e do marketing (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011). Sigo Polivanov (2013), ao inferir que a escolha entre os termos *etnografia virtual* ou *netnografia* é pessoal, pois ambos guardam o mesmo sentido, referindo-se às especificidades das tecnologias na internet que abordarei ainda neste texto.

Será que ainda é importante mantermos as dicotomias “virtual” e “real”? As práticas culturais em ambientes online são meras reproduções das práticas offline ou se diferenciam, ganhando tonalidades próprias? Em outras palavras, a internet é um território que produz uma nova cultura ou apenas um artefato que emerge de uma determinada cultura? Acredito que o limite entre as duas esferas (online/offline) é muito mais problemático do que se imagina, visto que ainda que a própria maquinaria e tecnologia que permitiram a assunção da internet sejam produtos de uma cultura, ou seja, não seriam possíveis para além da gramática que emoldura/cria nossas relações e campos de possibilidade, nas sociabilidades online uma elasticidade se torna possível, rompendo com certos limites que as geografias e temporalidades ainda nos encerram. São rasuras que permitem existências outras, atualizando as virtualidades, o que está por vir, “[...] um terreno propício para experimentar outras formas de se relacionar com x outrx. Ampliam-se as redes de produção de novas subjetividades” (CARVALHO; POCAHY, 2020, p. 149). Materializa-se a cibercultura em uma dimensão “que possibilita a conexão de todas as qualidades subjetivas, que permite que os bilhões de cérebros sejam meramente considerados como neurônios do grande cérebro universal”, argumenta Britto (2009, p. 141).

Como “[...] um mar de subjetividades, no qual deságuam todas as criações humanas” (BRITTO, 2009, p. 141), vertem-se existências múltiplas (re)produzindo diferentes formas de olhar o mundo, de se comportar, de cruzar afetos. Uma geografia digitalizada a permitir encontros inesperados, detonando falhas nas barreiras que se erguem em muitas sociabilidades offline. Compreendo que são conexões que mesmo se dando de forma ‘virtual’, despontam também por meio da materialidade, pois “amparam-se em padrões de consumo materializados, formas de relacionamento presentes no mundo offline, refletem imagens e sons captados em territórios com qualidades palpáveis, cores, movimentos e se dão”, segundo Silva Junior (2020, p. 97), “entre sujeitos dispersos geograficamente que, embora mediatizados pela internet, possuem corporeidade, sensações, gozos, afetos”. Assim, o virtual não é da ordem do impossível, do utópico, mas da ampliação das capacidades humanas que se atualizam nas práticas ciberculturais.

O *virtual*, dessa forma, não implica desrealização, pois muito dos atos produzidos pelos mecanismos de virtualização são fatos sociais concretos, já que produzem efeitos na realidade e, assim, não pertencem ao reino do imaginário, não desaparecem do universo das ações sociais tão logo sejam desligados os mecanismos tecnológicos que permitiram sua existência “virtual”. Falas digitalizadas que ocorram no

ciberespaço podem desaparecer como sinais magnéticos momentaneamente armazenados em alguns computadores, mas os efeitos concretos destas falas não desaparecem da mente dos interlocutores que as mantiveram, nem as decisões do mundo *off-line* que possam ser tomadas em função dela (JUNGBLUT, 2004, p. 102, grifos do autor).

Amparado nestas reflexões, escolho o termo “etnografia virtual” por reconhecer que apesar do suporte material, físico e palpável das manifestações em torno do ato de navegarmos na internet (corpos, sensações, objetos, cabos, fios...) e de utilizarmos os aplicativos de paquera (aparelhos de celulares, chips de operadoras de telefonia móvel...), especificidades mostram-se ao nos determos nas sociabilidades online. Por meio desta ferramenta, por exemplo, pude me conectar com homens nos mais diversos lugares do Brasil para a realização da pesquisa, borrando as fronteiras geográficas com a ultrapassagem tecnológica. Não apenas a geografia, mas o tempo também se transmuta na internet, pois, conforme argumenta Félix (2012a), as entrevistas online alteram também a forma como as perguntas e respostas se dão, não sendo necessário que o sujeito pesquisado esteja naquele momento diante do/a pesquisador/a. Ao lançar uma pergunta, muitas vezes apenas recebi a resposta no outro dia, quando o usuário iniciou o aplicativo. Da mesma forma, alterações do ponto de vista do fuso horário podem influenciar a forma como os dois/as duas, pesquisador/a e pesquisados/as, se comportam na entrevista, dando respostas mais rápidas ou mais atenciosas de acordo com o estado físico/psicológico promovido, de uma certa forma, pelo ambiente. Também a presença, assim, ganha outros termos, visto que “em nossos tempos, é praticamente impossível estar desconectado(a), porque, mesmo quando não acessamos nossas contas de e-mail ou nossos perfis em redes sociais, eles continuam ativos e, em certa medida, nós também continuamos” (SILVA JUNIOR; FÉLIX; COUTO, 2020, p. 4). Vivemos a própria “ubiquidade do ciborgue” (TADEU, 2009), ou seja, “a indecente interpenetração, o promíscuo acoplamento, a desavergonhada conjunção entre o humano e a máquina” (TADEU, 2009, p. 11).

Para além dos elementos citados acima, especificidades das práticas culturais etnografadas precisam ser interpretadas dentro do contexto da cibercultura: a gramática/linguagem utilizada pelos/as internautas, que se difere, por vezes, da utilizada por eles/as mesmos/as em ambientes offline, bem como a utilização de emojis, figurinhas, memes⁶, entre outros artifícios da cultura internauta contemporânea para o estabelecimento da

⁶ Representações gráficas e/ou visuais que objetivam traduzir estados de humor dos/as usuários da internet.

comunicação. Se “o estudo etnográfico acentua a importância nos modos pelos quais os atores sociais definem por eles próprios as condições em que vivem” (ESCOSTEGUY, 1998, p. 90), os valores e os sentidos compartilhados nos territórios online precisam ser reconhecidos e interpretados pelos/as pesquisadores/as, visando a melhor compreensão do ambiente e das trocas que ali se manifestam. São leituras advindas das investigações etnográficas, neste caso, virtuais, que envolvem a análise das identidades culturais e a circulação de significados no mundo pós-moderno (MARCUS, 2001). Destaco, junto com Sá (2005), que mesmo se dando em outro espaço, os elementos característicos da etnografia tradicional ainda permanecem, como o estranhamento do/a pesquisador/a em relação ao campo e objeto de estudo, a valorização das subjetividades de quem narra as experiências e a tradução dos relatos na forma da escrita etnográfica.

Quanto ao posicionamento ético do/a pesquisador/a em campo durante a etnografia virtual, dois papéis se destacam na composição de sua feitura: a postura *lurker* e/ou *insider* (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011). Para as autoras, o/a pesquisador/a *lurker*, ou também chamado de “silencioso”, é aquele/a que adentra os espaços sem se identificar, permanecendo no anonimato durante o ato de observação e registro das suas impressões. Já o/a *insider*, ao contrário, atua de forma mais próxima junto aos grupos pesquisados, participando mais ativamente do cotidiano observado. A escolha do posicionamento ético depende de múltiplos fatores, como as características do campo estudado ou a necessidade de privacidade, como no caso, por exemplo, de pesquisas junto à comunidade *hacker* na internet. Assim, é “importante destacar que, de acordo com as estratégias de campo do/a pesquisador/a, tais posições podem ser alternadas visando o alcance dos objetivos da pesquisa” (SILVA JUNIOR, 2020, p. 98), o que acabou sendo posto em prática por mim através de três estratégias de produção de dados, como tratarei no próximo ponto.

Visando ilustrar melhor o posicionamento ético do/a pesquisador/a que adota a etnografia virtual como método, trago brevemente dois exemplos de pesquisas no campo dos Estudos de Gênero em diálogo com os Estudos Culturais da Educação que apresentam posturas diferentes. Ambas são contribuições teórico-metodológicas para a discussão aqui desenvolvida e serviram de fundamentos para debates que acabei delineando ao longo da pesquisa.

Na dissertação *Masculinidades disponíveis.com: sobre como dizer-se homem gay na internet* (2009)⁷, Luiz Felipe Zago centra-se no mapeamento dos perfis preferidos e nas análises das representações de corpos e das construções de sociabilidades afetivo-sexuais presentes no site de relacionamento *disponível.com*. Para tanto, recorreu, como *corpus* de análise, 22 perfis de homens lidos como preferidos pelos usuários visando dar conta das variações no *ranking* durante o período selecionado:

Vi que os usuários que se mantinham no ranking conseguiam condensar de maneira peculiar atributos relacionados ao corpo, masculinidade e sexualidade muito desejados. Os perfis mais “preferidos” eram também os mais dinâmicos, com muitas fotos e vídeos novos, que mudavam semanal ou diariamente (ZAGO, 2009, p. 20).

Ainda que não tenha assumido a etnografia virtual como método, o caminho investigativo escolhido por Zago poderia ser lido como etnográfico, pois a longa imersão em campo, a observação direta das dinâmicas culturais no contexto em questão e os registros em diário de campo estiveram presentes visando a análise das performances dos usuários e a produção textual em seus perfis. Segundo o autor, a observação se deu de forma contemplativa, sem participação direta, pois, segundo suas próprias palavras, “[...] eu espiava os perfis, quase que os espionava. Eu fui um voyeur, um flaneur. Um turista” (ZAGO, 2009, p. 213). Partindo disso, entendo que Zago posicionou-se como um pesquisador *lurker*, sem interação direta com os participantes, pois de acordo com ele: “[...] apenas observei as dinâmicas que eles produziam em suas páginas pessoais. Não questionei os internautas, apenas anotava as mudanças e as constâncias publicadas em seus perfis” (ZAGO, 2009, p. 213). Destaco que a posição *lurker* em uma pesquisa não se mostra pura o quanto anuncia, visto que a cada visita de Zago nos perfis mais desejados no site, o mesmo contabilizava mais um número de acesso, alterando este *ranking*, sinalizando para o que alertam Fragoso, Recuero e Amaral (2011), pois, mesmo no anonimato, há transformação direta ou indireta na produção de dados.

Uma outra pesquisa que não foi realizada em ambientes virtuais, mas penso ser potente para este debate, foi a de Fernando Pocahy intitulada *Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento* (2011)⁸. Em um trabalho cartográfico, o autor

⁷ Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no ano de 2009 e orientada pelo Prof. Dr. Fernando Seffner.

⁸ Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com período sanduíche na Université Lumière Lyon 2, no ano de 2011 e orientada por Guacira Lopes Louro.

objetiva analisar os discursos de regulação de gênero/sexualidade que atravessam homens idosos em suas vivências homoeróticas. Mesmo não anunciando a etnografia como método, embora use autores/as da Antropologia e traga as características já enunciadas aqui como marcas da etnografia, Pocahy, entre os anos de 2007 a 2010, emerge em potência narrativa nas suas imersões em campo:

Já é perto de meia noite e o bar segue vazio. Circulamos pelo lugar, bebemos algo, falamos com outros clientes. Sentamo-nos perto do salão de entrada, ao pé da escada que dá acesso aos quartos [...] Um rapaz aparece e André diz “esse aí é macho de verdade, tem um ‘pausão’, é casado com mulher, esse é homem de verdade, macho mesmo”. Para o meu interlocutor, homem é homem e gay é gay. E assim a vida se faz (POCAHY, 2011, p. 133).

Quero destacar a efervescência subjetiva dos relatos do pesquisador que se distanciam da pretensa neutralidade e objetividade da ciência tradicional. Narrativas que exalam prazer, desejo, tesão, o calor percorrendo o seu corpo ao encontrar tantos outros corpos disponíveis ao desfrute. A construção de um texto literário, característico da etnografia pós-moderna, é marca de Pocahy nesta pesquisa, pois “[...] o sentido é um efeito experimentado pelo leitor e não preexiste à leitura” (TADDEI, 2012, p. 113).

Em termos de composição, o texto se articula com uma sucessão de vozes graves ou agudas, enunciando suas diferenças em relações dialógicas: registros em primeira ou terceira pessoas, uso da língua cultura, familiar ou coloquial, hibridização de gêneros (Ibidem, p. 115).

Percebo a extravagância de um posicionamento *insider* na pesquisa de Pocahy. Um extravasamento de sentidos, interação, envolvimento sexual, inclusive, no que Camilo Braz (2010) denominou de “etnografia imprópria”, em um questionamento de determinados pressupostos caros ao fazer antropológico, como a objetividade e a neutralidade. O texto de Pocahy materializa uma etnografia imprópria por ser abundantemente *insider*, ampliando a capacidade de criação de um corpo afetado por outro. Neste caminho, como “[...] corpo que goza palavras, como corpo em si tramado em discursos, o/a etnógrafo/a se envereda nas sagacidades das pesquisas que envolvem o sexo, o tesão, seu e dos/as outros/as...” (SILVA JUNIOR, 2020, p. 100).

Ele fica mais ao meu lado e eu lhe digo que hoje não vou fazer programa, pois meu amigo (Dionísio) é quem está interessado nele. Eu aproveito para ‘escapar’, dizendo que preciso ir ao banheiro. Na volta ele ainda está lá e me diz, conversei com teu

amigo, ele disse que hoje não vai poder, porque está sem dinheiro, então a gente pode! Eu rio recusando. E se aproxima cada vez mais de mim, pênis hirto e em carícias me convence a subir com ele (POCAHY, 2011, p. 135-136).

Acreditando nas especificidades do objeto de pesquisa que intentava me debruçar, as sociabilidades gays no *Tinder* e as pedagogias de masculinidade que ali se movimentavam produtoras, recorri à etnografia virtual em uma perspectiva pós-moderna, aberto aos encontros e à profusão de narrativas que não descreviam uma realidade, mas a produziam mediante os jogos de poder e as subjetividades colocadas em questão. Em um posicionamento *insider*, a todo momento dei abertura às experiências que me percorriam e que me constituíam sujeito com gênero e com sexualidade no meu texto, pois “[...] pensar não é somente ‘raciocinar’ ou ‘calcular’ ou ‘argumentar’, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece” (LARROSA, 2002, p. 21). Abertura ao acontecimento, ao perspectivismo, à metaforização do vivido, à narração do observado/sentido/tocado, que são marcas de uma etnografia desejosa apenas por efeitos de verdade que são provisórios, circunstanciais, subjetivos, por entender que esta é a única possibilidade a ser alcançada, dada às limitações do seu tempo histórico.

Trata-se, pois, de uma pesquisa que lança os olhos para as homoafetividades nos aplicativos de paquera, para a efemeridade dos encontros sexuais e dos amores diluídos na velocidade de cada piscadela. Uma imersão etnográfica em um campo cultural de disputas por significados que duelam nada harmoniosos em seu processo de imposição de sentidos, sendo gênero e sexualidade marcas desafiadoras em tempos de resistência à heteronormatividade. Se compreendo que o sistema sexo-gênero “[...] é tanto uma construção sociocultural quanto um aparato semiótico, um sistema de representação que atribui significado (identidade, valor, prestígio) [...] a indivíduos dentro da sociedade” (LAURETIS, 1994, p. 212), imergir no campo produtivo das práticas culturais dos aplicativos de paquera por meio da etnografia virtual destaca-se como um potente caminho investigativo na ousada dinâmica do devir pesquisador/a que não apenas discute temáticas de gênero e de sexualidade, mas vivencia estes discursos permeando produtivamente o seu corpo e as suas subjetividades.

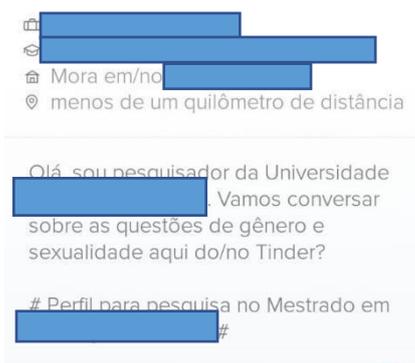
A seguir, traço um esboço da minha ‘entrada’ em campo na pesquisa realizada no *Tinder*, assim como a escolha das três estratégias que lancei mão objetivando a produção do material empírico. Esta ilustração serve para ampliar o debate e propor caminhos para novas reflexões no campo dos Estudos Culturais, marcado por seu hibridismo, sua capacidade de

reinvenção e seu projeto intelectual e político direcionado a pensar “a cultura-como-poder e o poder-como-cultura” (RESTREPO, 2012, p. 89, tradução minha).

Estando em campo: sob o fascínio dos corpos que pulsam

O título desta seção já sinaliza para o que venho argumentando neste artigo em diálogo com outros/as autores/as: as especificidades das pesquisas realizadas na internet. Se em outros espaços a “entrada” e a “saída” de campo é possível, ao nos colocarmos nas sociabilidades online esta opção é, na maioria dos casos, descartada. Ao realizarmos entrevistas online, sejam elas em aplicativos de paquera, como no meu caso, ou através de e-mail, a presença no campo é contínua, pois os nossos perfis e e-mails estão constantemente disponíveis para acesso, intervenção e comunicação de outros/as. No meu caso, o perfil construído especificamente para a pesquisa também estava sob os olhares daqueles homens, também sendo analisado, desejado, repellido, investigado... Sigo Jeane Félix quando problematiza a ideia de ‘entrada em campo’ em sua pesquisa online com jovens que vivem com HIV/Aids e argumenta que “[...] *estar em campo* é mais apropriado, uma vez que, nessa direção, mesmo não estando *on-line*, estive sempre em campo” (FÉLIX, 2012b, p. 40, grifo da autora). Desta forma, dualidades como “entrar em campo / sair do campo” nestes espaços perdem o sentido, borrando as fronteiras dos limites físicos e temporais.

Assim que a pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética da Universidade, iniciei a etnografia virtual que, inicialmente, duraria 6 meses, mas, com a chegada da pandemia da Covid-19, resolvi continuar em campo, observando as possíveis variações do público motivadas pelo isolamento físico. Na Figura 1, apresento o perfil que construí para realizar a etnografia, destacando que se tratava de uma conta direcionada para uma pesquisa de Mestrado que abordaria a temática de gênero e de sexualidade. Experiências anteriores no aplicativo, enquanto usuário não-pesquisador, me fizeram perceber que muitos homens não liam a descrição do perfil, mas como compromisso ético resolvi deixar explícito no texto inicial para que as pessoas que resolvessem dar *match* comigo soubessem do que se tratava. Mesmo assim, sempre que isso acontecia, eu enviava um pequeno texto me apresentando e explicando os objetivos da pesquisa, perguntava a respeito da disponibilidade da pessoa e se havia interesse em participar. Também sempre informava que as fotos que usuários postavam não seriam utilizadas e que eles poderiam escolher um outro nome, caso desejassem, preservando a sua identidade.

Figura - 1: Descrição do meu perfil no *Tinder*

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

As minhas experiências anteriores no *Tinder* também apontavam para a importância das imagens na construção do perfil dos/as usuários/as. Seleccionadas com atenção para que exibam os melhores atributos físicos e/ou que favoreçam uma performance mais interessante, as fotografias passam a entrar em uma rede que passei a nomear de *estímulo-affectum*, uma prática recorrente de reinicialização do perfil quando os/as usuários/as percebem que as imagens que selecionaram não estão dando o resultado esperado, ou seja, uma boa quantidade de *matches*, de opções de pretendentes. Compreendo o *estímulo-affectum* como:

[...] uma elaboração imagética baseada em experiências anteriores, sustentada em uma baixa ou alta cotação no mercado dos afetos e do sexo em aplicativos de paquera, que faz com que os homens que se apresentam no *Tinder* desenvolvam formas estéticas que rompam na velocidade de piscadelas, incapazes de sustentar uma contemplação mais aguçada de qualquer “belo”. Minhas conversas com esses homens fizeram-me compreender que existem aprendizagens nas formas deles se apresentarem por meio de suas fotografias e as vivências de aprovação ou rejeição por outros olhares atuam na elaboração de estratégias de delineamento de si (SILVA JUNIOR, 2020, p. 123).

Procurei diversificar as imagens escolhidas para o meu perfil, pois sabia, pelas minhas experiências como usuário do aplicativo, que dependendo da minha performance eu atrairia determinados homens e não outros. Antes da pesquisa, quando utilizava o *Tinder* para conhecer pretendentes, percebi que a forma como eu me apresentava poderia operar diretamente na quantidade de *matches*, tornando, pois, esta pesquisa mais uma ilustração da impossibilidade de um conhecimento neutro e impessoal, pronto para ser capturado por meio de uma descrição etnográfica objetiva. Um corpo que (re)configura os resultados da pesquisa, que modifica as narrativas que emergem em campo, trazendo os vestígios de um conhecimento localizado, não universal, a implicação política e a provisoriedade dos resultados, características de uma

pesquisa inserida no campo dos Estudos Culturais da Educação (FÉLIX, 2019). A seguir, procuro descrever com mais detalhes as nove fotos escolhidas por mim para compor o perfil da pesquisa (o número máximo de imagens permitida pelo *Tinder*), pois entendo a importância das fotografias em uma sociedade imagética, calcada no consumo das imagens. Para Barthes (2012, p. 20), a fotografia é “[...] o aparecimento de eu próprio como outro”, sinal da performatização de si nestes espaços:

Na primeira foto que ilustra o perfil, apareço de rosto limpo – sem óculos de sol ou de grau –, sem camisa e em uma piscina, tendo à mostra algumas tatuagens; na segunda foto, procurei valorizar a paisagem por meio de uma foto panorâmica do alto de um hotel em uma praia elitizada de Pernambuco, estando eu de camisa longa térmica sentado na beira de uma piscina, vestindo uma sunga e de óculos de sol; na terceira tirada no enquadramento *plano médio*, estou sorrindo, sem óculos, utilizando uma camisa da banda *The Beatles*; na quarta foto, procurei demonstrar mais senso de humor, aliado a uma certa erotização, pois nela estou segurando uma bandeira vermelha com a palavra “PERIGO” (em caixa alta), utilizada para demarcar uma área sujeita a ataques de tubarões na praia de Boa Viagem em Recife (ergo o mastro da bandeira em conotação fálica na imagem); na quarta foto estou de óculos de grau, exibindo um ar mais intelectualizado; nas três fotos seguintes, procuro exibir meu lado mais viajante, com fotos tiradas em Lisboa e Amsterdã; por fim, na última fotografia, estou em *primeiríssimo plano*, com destaque para minha barba e sorriso, exibindo uma parte da tatuagem que tenho no antebraço (SILVA JUNIOR, 2020, p. 104, grifo do autor).

Acreditei, com base nas vivências anteriores que tenho relatado, que mesmo se eu tivesse muitos *matches*, haveria dificuldade no estabelecimento de diálogos para a pesquisa, pois é sabido que existe uma cultura no *Tinder* dos/as usuários/as colecionarem *matches*, mas não conversarem, não interagirem⁹. Por isto, pensei em assinar um dos pacotes pagos do aplicativo, pois eu teria, então, mais possibilidades de combinações com outros homens, já que o pacote gratuito detém um número limitado de ‘deslizadas em outros perfis’ por dia. Sob um regime dos *likes* em um capitalismo produtor de subjetividades competitivas, a quantidade de *matches* é bem mais valorizada que relações mais duradouras. Na Figura 2, trago uma imagem do número de combinações que tive até o dia 25 de março de 2020, o que me fez me deter nas entrevistas e observações.

⁹ Situação que foi alterada, mesmo provisoriamente, durante o isolamento físico causado pela pandemia da Covid-19, como mostram Silva Junior, Félix e Couto (2020).

Figura – 2: Último print com a quantidade de *matches* dados

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Quanto às estratégias de produção dos dados, resolvi estabelecer três estratégias em campo que passo a descrever com mais detalhes:

- 1) Entrevistas com os *matches*: Inicialmente, resolvi dar *match* em todos os homens que apareciam para mim, independente se me atraíam ou não, pois havia um receio, conforme relatei, de poucos diálogos e, conseqüentemente, um material reduzido para análise. Também intencionava verificar se a listagem dos *Top Picks* (perfis escolhidos pelo *Tinder* ‘teoricamente’ com base nos meus gostos), era realmente baseada nos algoritmos das minhas preferências ou uma sugestão do que o aplicativo entendia como padrão ‘universal’ de estética desejada. Quando percebi (e isto foi reiterado nas entrevistas) que, independentemente do que eu escolhia, a listagem sugerida pelo *Tinder* permanecia apenas com homens de beleza midiática e padrão heteronormativo, excluindo negros, gordos, pessoas com deficiência, afeminados e aqueles que não performavam um padrão de vida lido como de sucesso/glamour, resolvi curtir apenas estes tipos de homens, fazendo com que a lista não se alterasse. Normalmente, eu iniciava a conversa, centrando – de maneira informal e utilizando a linguagem comum nos aplicativos – nos seguintes pontos: a) dados gerais

(nome, profissão, identidade de gênero, orientação sexual, religião, etc.); b) primeiras experiências sexuais; c) sociabilidades gays; d) usos do/no *Tinder* e outros aplicativos de paquera; e) masculinidades/feminilidades; f) aprendizagens na “escola do *Tinder*”. Ao todo, foram mais de 700 homens que curtiram o meu perfil, embora tenham restado 523 *matches*, pois muitos quando percebiam que se tratava de uma pesquisa e que, inicialmente, não haveria possibilidades de encontros amorosos e/ou sexuais, desfaziam o *match* comigo. Desse número final, consegui aprofundar conversas com 39 usuários do aplicativo.

- 2) Andanças pelos perfis: Paralelo ao primeiro momento, passei a registrar em diário de campo os padrões observados nas descrições dos perfis encontrados nos oito meses da etnografia virtual. Como muitos homens não deram *match* comigo, este foi o caminho encontrado para a análise cultural do material, organizando as regularidades discursivas e a produção de significados que se movimentavam entre os perfis. Busquei perceber estes padrões especialmente nas fotos escolhidas e nos textos que os homens utilizavam, muitos se referindo aos tipos que desejavam para encontros: “machos”, “sigilosos”, “ativos” e “discretos”. Textos que bradavam aversão aos afeminados e aos passivos também eram comuns, como desenvolvi de forma mais aprofundada em um capítulo inteiro da pesquisa (Cf. SILVA JUNIOR, 2020).
- 3) Os Top Picks: A terceira estratégia foi o arquivamento de 219 perfis sugeridos para mim no Top Picks durante 30 dias. Pude perceber as regularidades nestes corpos e, com base nas observações e registros nos diários de campo, desenvolvi, após a análise cultural, alguns conceitos em torno das aprendizagens de gênero e de sexualidade nas performances dos homens que ‘tinham o meu perfil’: o Corpo Boy Magia, o Corpo Bem Estar, o Corpo Ostentação e o Corpo Novinho.

O caminho percorrido sugere a potência da etnografia virtual para as pesquisas fincadas nos Estudos de Gênero e de Sexualidade, que olham para o pedagógico nos mais diferentes artefatos culturais da contemporaneidade. Argumento que a *bricolage* da perspectiva pós-estruturalista com a etnografia pós-moderna “pode promover rupturas quanto à idealização de um distanciamento entre pesquisadores/as e pesquisados/as, proporcionando uma interpretação

cultural que dê conta de comportamentos, narrativas e subjetividades diversas” (SILVA JUNIOR, 2020, p. 101).

Considerações “finais”

Descrevo estas estratégias como forma de contribuir para o desatar da criatividade e invenção dos/as pesquisadores/as desejosos/as de adentrar no campo dos Estudos de Gênero e de Sexualidade em aplicativos de paquera desprovidos/as das amarras herdadas de um fazer ciência calcado na impessoalidade e no distanciamento. A partir do momento em que compreendemos as particularidades deste campo e as regras dos seus jogos, passamos a questionar os pressupostos racionalistas da ciência moderna, pois, fazendo coro com a bruxa dos devires Sandra Corazza (1996, p. 119), “criar um problema de pesquisa é virar a própria mesa, rachando os conceitos e fazendo ranger as articulações das teorias [...] o problema de pesquisa não é descoberto, mas engendrado. Ele nasce desses atos de rebeldia e insubmissão”. Um processo metodológico, portanto, alquímico, que hibridiza possibilidades, transmuta termos naturalizados e inquieta as mentes conformadas.

Empreender esta pesquisa foi um desafio pelo processo (des)naturalizador da posição sujeito-pesquisador, pois a todo momento meus desejos estavam envolvidos e muitos daqueles homens acabaram povoando meus pensamentos e fantasias. Destaco, em acordo com Zago (2015, p. 158, grifo do autor), que “[...] nós que *falamos de sexo* nas nossas pesquisas, nós pesquisamos com gênero e com sexualidade. Nós não deixamos nossos corpos sexuados e generificados em casa quando saímos para o campo da pesquisa”. Foram as minhas experiências antes da inserção no campo, ainda quando utilizava o *Tinder* para meus encontros, e as vivências homoafetivas que tive que acabaram delineando o processo de escolha não apenas do ‘objeto’ de estudo, mas também da metodologia construída. Como diz Pocahy (2011, p. 252): “[...] como poderia produzir problemas de pesquisa sem considerar a relevância de meu corpo ou de minha subjetividade?”. E se uma prática de pesquisa está diretamente relacionada com a nossa vida, com os processos de subjetivação, como argumenta Sandra Corazza (1996, p. 125), “não escolhemos, de um arsenal de métodos, aquele que melhor nos atende, mas somos ‘escolhidas/os’ [...] pelo que foi historicamente possível de ser enunciado; que para nós adquiriu sentidos; e que também nos significou, nos subjetivou, nos (as)sujeitou”.

Referências

- BARTHES, R. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Lisboa: Edições 70, 2012.
- BRAZ, C. A. **À meia-luz... uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos**. 2010. 274 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- BRITTO, R. R. **Cibercultura**: Sob o olhar dos Estudos Culturais. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CARVALHO, F. S. P.; POCAHY, F. #UERJRESISTE: a politização de si através das selfies. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 60, p. 143-152, jan./mar. 2020.
- CONNELL, R. W. Políticas de Masculinidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez. 1995.
- CORAZZA, S. M. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, M. V. (Org.). **Caminhos investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. Porto Alegre: Mediação, 1996. p. 105-131.
- ESCOSTEGUY, A. D. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 5, n. 9, p. 87-97, dez. 1998.
- FÉLIX, J. Entrevistas on-line ou algumas pistas de como utilizar bate-papos virtuais em pesquisas na educação e na saúde. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012a. p. 133-152.
- FÉLIX, J. **“Quer teclar?”**: aprendizagens sobre juventudes e soropositividades através de bate-papos virtuais. 2012. 223 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012b.
- FÉLIX, J. Estudos Culturais e os estudos de gênero: diálogos, aproximações e distanciamentos. In: GONÇALVES, C. C.; ANDRADE, F. C. B. (Org.). **Pelas frestas**: pesquisas em estudos culturais da educação. Curitiba: CRV, 2019. p. 19-29.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I - A vontade de saber**. 19. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.
- FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- GAMSON, J. As sexualidades, a teoria *queer* e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 345-362.
- GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 03-21.
- JUNGBLUT, A. L. A heterogenia do mundo on-line: algumas reflexões sobre virtualização, comunicação mediada por computador e ciberespaço. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 10, n. 21, p. 97-121, jan./jun. 2004.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

- LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). **Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-224.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LOURO, G. L. Conhecer, pesquisar, escrever... **Educação, Sociedade & Culturas**, n. 25, p. 235-245, 2007.
- MARCUS, G. Etnografía en/del sistema mundo. El surgimiento de la etnografía multilocal. **Alteridades**, Distrito Federal, México, v.11, n. 22, p. 111-127, jul./dez. 2001.
- MATTOS, C. L. G. Estudos etnográficos da educação: uma revisão de tendências no Brasil. In: MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. (Org.). **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 25-48. *E-book*. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/8fcr>. Acesso em: 03 jul. 2019.
- MEYER, D. E. E. Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 1, p. 13-18, jan./fev. 2004.
- PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 23-45.
- POCAHY, F. **Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento**. 2011. 167 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- POLIVANOV, B. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicação dos conceitos. **Esferas**, ano 2, n. 3, p. 61-71, jul./dez. 2013.
- RESTREPO, E. Estudios culturales y educación: posibilidades, urgencias y limitaciones. In: SARAIVA, K.; MARCELLO, F. A. (Org.). **Estudos Culturais e Educação: desafios atuais**. Canoas: Ed. ULBRA, 2012. p. 87-100.
- SÁ, S. **O samba em rede** – Comunidades virtuais, dinâmicas identitárias e carnaval carioca. Rio de Janeiro: E-papers, 2005.
- SILVA JUNIOR, A. O. da. **“Deu match no Tinder!”: aplicativo virtual de paquera como pedagogia cultural**. 2020. 233 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.
- SILVA JUNIOR, A. O.; FÉLIX, J.; COUTO, E. S. Amor, sexo e distância física: pedagogias do webnamoro na pandemia da Covid-19. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 58, n. 58, p. 01-25, out./dez. 2020.
- TADDEI, A. Sobre a escrita etnográfica. **Aurora**, Marília, v. 5, p. 103-118, 2012.
- TADEU, T. Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano. In: SILVA, T. T. (Org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- VEIGA-NETO, A. Olhares... In: COSTA, M. V. (Org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Porto Alegre: Mediação, 1996. p. 19-35.
- ZAGO, L. F. **Masculinidades disponíveis.com: sobre como dizer-se homem gay na internet**. 2009. 227 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- ZAGO, L. F. Convites e tocaias: considerações ético-metodológicas sobre pesquisas em sites de relacionamento. In: PELÚCIO, L.; PAIT, H.; SABATINE, T. (Org.). **No emaranhado da rede. Gênero, sexualidade e mídia:**

desafios teóricos e metodológicos do presente. São Paulo: Annablume, 2015. p. 149-173.

Recebido em: 25/09/2021.

Aceito em: 15/12/2022.